

O CONFLITO: MARX E O MATERIALISMO CONTEMPLATIVO

THE CONFLICT: MARX AND THE CONTEMPLATIVE MATERIALISM

José Ribamar dos Santos Oliveira Junior¹⁴⁴

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo encontrar algumas conexões do pensamento marxista e sua relação com Feurbach relativo. Principalmente, aos métodos dos dois teóricos. O materialismo contemplativo procurava a mudança social atacando a religião oficial, deste modo, modificando os indivíduos, o materialismo histórico, entretanto, é um convite para ação.

Palavras-chave: Pensamento marxista; materialismo histórico.

¹⁴⁴ Graduado em Ciências Sociais e mestrando do PPGCS/UFRN

INTRODUÇÃO

As idéias de Marx foram esplendidamente influentes durante os séculos passados XIX e XX e, ainda hoje, apresentam fortes influências em diversos campos das ciências humanas: Sociologia, Antropologia, Economia Política entre outros. Sem dúvida, um gênio que contribuiu de forma significativa para a humanidade. Sua obra apresenta grande erudição proveniente de um grande intelectual. Posicionar-se contra ou a favor de suas teorias não é uma tarefa simplista devido a todo refinamento da obra, clareza de seus objetivos e métodos.

Contudo, nosso interesse, neste artigo, é de modo objetivo tentar refazer algumas ações que foram determinantes para a formação do método de Marx, expressos em seus escritos nos quais expõe: “o materialismo histórico dialético”. Limitar-nos-emos a duas obras de Marx: “A ideologia Alemã” e o “Manifesto Comunista” e uma única obra de Ludwig Feuerbach, “A essência do cristianismo”. Trataremos dessa odisséia como uma opereta, pois, um artigo nestes moldes sofre algumas restrições. Deste modo, no primeiro momento, apresentaremos fragmentos das ideias de Feuerbach e seu ataque ao cristianismo. Em seguida, os conflitos de Marx com o idealismo excessivo de seus contemporâneos e sua reformulação do materialismo contemplativo.

A incrível sensibilidade na descrição do sistema capitalista é marcante nas obras de Marx. Podemos concluir que existe uma forte preocupação com o homem e suas necessidades basilares. Assim, escrever um artigo que narra todos os atos da história deste grande intelectual seria uma tarefa para toda uma existência, ainda a escrita de pequenos trechos de seu trajeto intelectual é um desafio similar devido às grandes lacunas que precisamos deixar na elaboração da problemática e no desenvolvimento de uma conclusão. Todavia, o intuito final é abrir a discussão não concluí-la, logo, essa atividade é meramente para o deleite de quem escreve e uma tentativa de fazer conexão com dois grandes campos do conhecimento Filosofia e Ciências Sociais.

MATERIALISMO CONTEMPLATIVO

A morte de Deus foi proclamada! Tal descoberta lançou muitos homens do século XIX em crise existencial, pois, a principal coluna que sustentava o Cristianismo “estava no chão”. A ruptura com a religião cristã, que durante longos anos foi a principal instituição reguladora da sociedade ocidental colocava muitos indivíduos em desespero associado a um niilismo existencial, pois, uma das instituições basilares é questionada quanto a sua legitimidade na intervenção das vidas humanas. Enfim, as estruturas mais elementares estavam diretamente relacionadas com a aceitação de uma fé absoluta em um único Deus de amor.

Tal desconforto surgiu quando a análise hermenêutica dos textos da sagrada Bíblia revelou um Deus muito semelhante aos seres humanos, por outro aspecto, um mesmo Deus distante que apresenta os mais nobres sentimentos. O primeiro é cercado de cólera, castigos, ira, guerreiro e intolerante em relação aos erros humanos. Em outros momentos um Deus sagrado que é inatingível para o homem, devido sua concupiscência da carne, coberto de bondade paz e amor. Portanto, céu e terra se aproximam de modo significativo pelas semelhanças entre o homem e seu Deus, mas, também se tornam extremos devido à “natureza santa” de Deus em relação “suposta natureza humana”.

Este Deus sazonal começa a ser questionado como uma criação do próprio homem: as semelhanças acabam desvendando um Deus próximo e distante concomitantemente. Diante deste cenário, para muitos não resta dúvida da dimensão humana na criação de Deus e Nietzsche (1981) proclamou:

Deus morreu! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolaremos, nós, os assassinos dos assassinos? O que o mundo possui de mais sagrado e possante perdeu seu sangue sob a nossa faca. O que nos limpará deste sangue?... Este evento enorme está a caminho, aproxima-se e não chegou ao ouvido dos homens... É preciso tempo para as ações, mesmo quando foram efetuadas, serem vistas e entendidas. (NIETZSCHE, 1981, p. 125).

Deus estando morto surge o seguinte questionamento: qual a utilidade de uma religião com o seu Deus morto? Feuerbach elabora a crítica desta instituição depois de sacramentada a “morte de Deus”. Como pergunta de partida ele coloca a seguinte questão: “qual a diferença entre homens (animais) e animais”? A resposta é muito objetiva a dupla natureza humana, que é apresentada como um grande diferencial entre os animais em questão.

A primeira natureza é a extintiva, natural que todos os animais portariam. Estaria escrita no código genético e seria indispensável para a sobrevivência na natureza. A segunda natureza será, exclusivamente, do homem, e os animais não partilhariam esta segunda natureza que é a cultura desenvolvida e criada pelas sociedades. Existindo a superioridade da segunda natureza em dominar a primeira (no caso dos homens), portanto, o homem como ser criador altera a realidade natural impondo uma nova natureza criada por suas próprias mãos. Deste modo, as principais instituições inclusive, as religiões, estariam submissas ao poder criador do homem.

A relação entre homem e Deus é extremamente relacional para Feuerbach e o papel de criador apresenta-se invertido: Deus é criado pelo homem! O detalhe desta criação é que Deus não é feito da imagem e semelhança dos homens, mas pelo menos no caso do cristianismo (analisado por Feuerbach), ele representa todos os anseios superiores de bondade que o homem não consegue externar onde até a sua ira é devidamente justificada por sua infinita misericórdia: “Deus não existe por causa de si, mas por causa do mundo só existe para explicar a máquina do universo, como a primeira causa (FEUERBACH, 1994, p. 227).”

Portanto, Deus é desvendado como um produto da mente humana desenvolvido historicamente. No entanto, é a coação do criador por sua criatura que é a preocupação de Feuerbach, uma vez que, sendo Deus este ser criado pelo homem consegue durante séculos prevalecer sobre seu criador: o próprio homem.

O conhecimento foi o caminho encontrado por Feuerbach para a ruptura com as doutrinas religiosas, que segundo ele aprisiona o “ser”. Sendo assim, afirma:

[...] só a teoria revela o mundo na sua magnificência, o mundo que é a totalidade do real; as alegrias teóricas são as mais belas alegrias intelectuais da vida, mas a religião nada sabe das alegrias de um pensador, das alegrias de um investigador da natureza (FEUERBACH, 1994, 238).

As “correntes das trevas”, “ignorância” e da “opressão” somente estariam no chão quando ocorresse uma mudança de paradigma dos homens. O prazer pela teoria e descoberta de um mundo novo baseado nas hipóteses, teses e idéias que traçariam o perfil de um “investigador da natureza”. O desejo apresentado pelo autor de “A essência do cristianismo” é matar junto com Deus a ideia de fé em uma religião institucionalizada, desta maneira, ressuscitando dentro do plano das ideias um novo modelo de homem onde o principal guia é o conhecimento racional. A ideia de mudança para Feuerbach passa por uma dimensão ideológica. Questionando o sistema religioso oficial coloca em foco todo um modo de estrutura da sociedade de sua época.

MARX E O MATERIALISMO CONTEMPLATIVO

Uma preocupação foi latente no pensamento de Marx durante seus primeiros escritos: a relação entre a teoria e a prática na produção filosófica. A teoria produzida por filósofos alemães (séc. XIX) não correspondia completamente à realidade dos indivíduos em sua concepção. As preocupações dos filósofos eram voltadas para, a experiência sensível do mundo, e não com a atividade humana concreta. Essa angustia de Marx pode ser apresentada no trecho seguinte: “Nenhum desses filósofos teve a idéia de perguntar qual era a ligação entre Filosofia alemã e a realidade alemã a ligação entre a sua crítica e o seu próprio meio material (MARX, 2002, p.10).”

Deste modo, as críticas tecidas ao pensamento de Feuerbach não eram destinadas, apenas, para este intelectual, mas, a todo um modelo de pensar a realidade social que dava grande destaque a teoria e as mudanças sociais através desta. A ruptura

de Marx com o modelo do materialismo contemplativo, somente, ocorre na dimensão que a sua nova proposta com o materialismo histórico dialético está comprometido com a ação dos indivíduos através dos conflitos históricos das classes sociais.

A nova ruptura filosófica promovida pelo modelo de Marx de pensar a sociedade adiciona novos elementos ao materialismo contemplativo: conflitos sociais, classes sociais e a dimensão histórica. Os homens são neste modelo de pensar o real os principais agentes de revolução através da ação coletiva em torno de um objetivo em comum. Neste novo paradigma, proposto por Marx, a teoria idealizada não promove mudança se não for interiorizada pelos indivíduos e posta em ação através destes. Deste modo, de modo objetivo foi adicionada ao materialismo contemplativo a transformação pelas ações direta dos homens.

Entendendo que a história é traçada pelos conflitos entre as classes sociais adiciona um elemento fundamental em seu paradigma, o confronto entre os indivíduos de diferentes classes sociais, que somente através dos conflitos (ideológico e físico) poderiam surgir as “mudanças sociais”. Um exemplo clássico é o da burguesia com a nobreza, que a partir da vitória do primeiro sobre o segundo surgiu, uma nova classe dominante, ocorrendo mudanças significativas na realidade social para todas as classes sociais.

A burguesia desempenhou na História um papel extremamente revolucionário. (MARX, 1997, p. 68)

A moderna sociedade burguesa, surgidas das ruínas da sociedade feudal, não eliminou os antagonismos de classe. Apenas estabeleceu novas classes, novas condições de opressão novas formas de lutas em lugar das antigas.

(MARX, 1997: 67)

Portanto, a crítica descrita ao materialismo contemplativo era a de que a teoria dissociada da realidade social dos indivíduos não obteria grande êxito. A morte de Deus poderia estar bem consolidada entre os grandes intelectuais que tinham uma “capital

cultural” para chegar a está conclusão. Todavia, a grande massa da população estava alienada aos meios de produção que exauriam suas forças vitais em grandes jornadas de trabalho. “Sendo pessoas independentes, os trabalhadores são indivíduos isolados que entram em relação com o capital, mas não entre si (MARX, 1975, p. 382)”.

A reestruturação da sociedade através de uma reforma do conhecimento generalizado é uma tarefa árdua, além disso, a exigência de que o povo que mal conseguia prover suas necessidades vitais sofresse uma transformação súbita: de trabalhadores em amantes do conhecimento em curto prazo é uma premissa equivocada dos materialistas contemplativos. Pois, até com relação à “morte de Deus” a necessidade de Deus supera as ideias que transitam em torno de sua morte.

Sendo assim, Marx foi objetivo e pragmático com relação à transformação da sociedade. Em sua teoria apresenta como estão estruturadas as sociedades, descrevendo minuciosamente a importância das classes sociais e da predominância da classe dominante no controle da sociedade. Ainda que estas estruturas sejam finitas e não eternas podendo ser superadas por uma nova classe social. Tratava-se de compreender através da História dos homens de que maneira a dominação prevalecia; e tendo identificado “o modelo” da dominação ele escreve aos materialistas contemplativos: “Os filósofos só interpretaram o mundo de diferentes maneiras; do que se trata é de transformá-lo (MARX, 2002, p.183).”

CONCLUSÃO

A ruptura com o modelo que era dominante em sua época torna a obra de Karl Marx clássica. Sua contribuição para a ciência está também no progresso científico. As antigas teorias não davam conta completamente da realidade social de sua época e o antigo paradigma necessitava ser superado, pois, as dinâmicas sociais necessitam que as teorias sejam aperfeiçoadas ou superadas para tentar uma aproximação do real. Hegel prevaleceu na construção teórica dos filósofos durante um longo tempo e Marx teve a ousadia de desafiar uma escola enraizada e que tinha o apoio da comunidade acadêmica de sua época.

As críticas à teoria de Feuerbach eram destinadas não somente a este intelectual, mas a todo um modelo de pensar a realidade que se preocupava excessivamente, com a experiência sensível dos indivíduos. Marx desejou ir além, porque, tinha no âmago do seu “ser” o desejo do fim das injustiças praticadas pelo homem sobre outro homem, da dominação e da alienação. Seu método é voltado para transformação do mundo! Posicionou-se em favor dos oprimidos no intuito de uma sociedade igualitária, sendo assim, sua obra não é vazia de sentido mesmo que para muitos sua teoria necessite de alguns ajustes para a atual realidade.

REFERÊNCIAS

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Lisboa, Fundação Calauste Gulbenkium, 1994.

MARX, K, ENGELS, F. **A ideologia Alemã**. São Paulo, Martin Fontes, 2002.

_____. Manifesto do partido comunista. *In: Cartas Filosóficas e outros escritos*. São Paulo Grijulbo, 1997.

MARX, K, **O Capital**: Crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**, 125, São Paulo: Hemus, 1981.